

A NATUREZA COMO ALIADA ÀS APRENDIZAGENS DA CRIANÇAS DE 4 E 5 ANOS EM UMA ESCOLA DA ZONA RURAL

*NATURE AS ALLIED TO THE LEARNING OF 4 AND 5 YEAR
OLD CHILDREN IN A RURAL SCHOOL*

Leila Marlise Cavinato Karlinski

Professora de Educação Infantil da Rede Municipal de Ijuí

Resumo: A natureza é generosa nela existem muitas possibilidades de aprendizagens com material concreto e em grande quantidade, os quais permitem generosas descobertas, tentativas e descobertas do mundo que habitamos e estamos nos apropriando. Assim, convivendo com crianças da zona rural, em uma turma de Pré escola mista, percebe-se que a natureza está deixando de fazer parte da infância, das brincadeiras espontâneas das crianças, pois está sendo trocada por telas, vídeo games, celulares, uma triste realidade que foi reforçada no tempo da pandemia. Ao longo deste artigo é proposto algumas reflexões acerca do cotidiano das crianças com a natureza, como será a relação destas crianças com o quintal de suas casas? Será que estas crianças podem subir em árvores, colher frutas? Brincar com a terra, a água, o fogo, será que faz parte do cotidiano? Será que é permitido à criança explorar, vivenciar a natureza? Como auxiliar para potencializar a relação destas crianças com a natureza? Como tornar a natureza, no quintal de experimentos? Como construir elos afetivos entre as crianças e os espaços?

Palavras-chave: Criança. Natureza. Aprendizagens. Brincar.

Abstract: Because we believe that nature is generous, and that there are many possibilities for learning with concrete materials in large quantities, which allow for generous discoveries, attempts and discoveries of the world we inhabit and are appropriating. Thus, living with children from rural areas, in a mixed preschool class, we realize that nature is no longer part of childhood, of children's spontaneous games, as it is being replaced by screens, video games, and cell phones, a sad reality that was reinforced during the pandemic. Throughout this

article, we propose some reflections on children's daily lives with nature, what will be the relationship of these children with their backyards? Can these children climb trees, pick fruit? Is playing with earth, water, fire part of everyday life? Are children allowed to explore and experience nature? How can we help to enhance these children's relationship with nature? How can we turn nature into an experimental backyard? How can we build emotional bonds between children and spaces?

Keywords: Child. Nature. Learning. Play.

Introdução

A natureza é tão generosa e está à disposição, sem a necessidade de grandes investimentos financeiros para que significativas aprendizagens aconteçam. Na natureza encontramos liberdade e privacidade e nessa relação tão profunda se constrói conceitos de pertencimento, memórias e imaginação. O quanto brincar descalço, sair aventurar-se em dias de chuva, subir em árvores, montar esconderijos com galhos, gravetos, pedras, terras, é prazeroso, rendendo muitas teorias, hipóteses, encantamentos e longas conversas, para o grupo que está tendo a oportunidade de viver a experiência de ter a liberdade e o contato da e na natureza.

Assim, a natureza torna-se aliada neste percurso, pois oferece desafios, acolhe a todos sem julgamentos, torna-se em espaços habitáveis, potencializa afetos, cria memórias. É necessário que a criança construa uma relação de amorosidade com a natureza e que a esta inspire o uso da criatividade, mas para toda essa potência ter valor se faz necessário vivenciar, habitar a natureza do lado de fora do espaço de referência, na escola. É necessário que a natureza faça parte da vida diária da criança. É urgente oportunizar e estimular as crianças, a apropriar-se da natureza com experimentações, investigações, descobertas.

A etapa da educação infantil precisa ser entendida como fase de descobertas, aprendizagens, encantamentos e inaugurações. Precisa estar aberta ao extraordinário e ao improvisado. Exige dos educadores um comprometimento em oferecer e proporcionar momentos de liberdade para que a criança viva sua infância, na inteireza do ser criança. Planejar, ter intencionalidade ao oferecer estes tempos e espaços para vivências, investigações, é essencial para que a criança perceba suas conquistas, avanços e descobertas. Assim o espaço proporcionado torna-se um aliado e

um propulsor para um bom desenvolvimento integral da criança.

Então, vamos viver a infância, criar memórias e repertórios na e com a natureza?

A natureza como parte integrante do currículo na Educação Infantil

A natureza é uma fonte inesgotável de experiências. Pensar a educação de crianças sem associar a este grande cenário livre e gratuito, cheio de significado simbólico é desmerecer todo um conviver sensível da constituição da vida humana. A inexistência de espaços de natureza na cidade e na escola priva a criança de um contato mais íntimo e expressivo com este habitat natural. É neste chão vital e singular que a criança inicia seu fazer mais importante que é o brincar. Em contato com a natureza ela se entrega de forma espontânea, o tempo é vívido de ricas aprendizagens no qual o imaginário flui.

Guerra nos faz refletir:

A mudança, nesse ponto fica claro, não diz mais respeito apenas àqueles que se preparam para assumir o papel de explorador, mas também ao mundo explorado. A experiência exploratória configura-se aqui como um diálogo aberto e respeitoso com o mundo, com o seu renovado reconhecimento: trata-se, de fato, de uma proposta claramente interessada e interessante para promover o encontro dos sujeitos. (GUERRA, 2022, p. 130).

Assim, é importante que a natureza faça parte da vida diária da criança e que ela possa sentir que contribui e é responsável pela manutenção e equilíbrio do meio ambiente. Essa percepção natural desenvolve a atenção, a calma, a paciência, o respeito, a concentração, curiosidade, independência, além do privilégio de poder respirar o ar puro e muito mais. O contato da criança com a natureza, principalmente através do brincar, possibilita que ela desenvolva autoestima, iniciativa, potencialize suas capacidades de escolhas e tomadas de decisões. Da mesma forma, ter contato com pequenos animais, como pássaros, formigas, patos, galinhas, tartaruga, minhoca, peixe, tatu-bolinha, ajuda no desenvolvimento saudável da criança.

A relação com a natureza torna a criança um ser mais sensível e empático, ligado ao cuidado com os outros, consigo mesma e com o próprio ambiente.

“Quando estamos na natureza e olhamos profundamente o desenho de uma flor, de uma folha, uma teia de aranha, uma concha, descobrimos aí uma ordenação que desperta em nós a curiosidade, o maravilhar-se que certamente experimentávamos quando éramos crianças.” (Casa redonda, p. 210).

É importante que o educador revise sua memória de infância, resgatando as lembranças dos brinquedos e brincadeiras genuínas referentes à natureza. Fazer comidas embaixo das árvores, balanços de corda, escorregar e rolar no papelão em declives, subir em árvores, são apenas alguns exemplos de uma infância na qual a criança, hoje adulta, viveu desemparedada.

Qualquer adulto hoje deve ter brincando de casinha na infância e deve se lembrar da pouca atenção que se dava à sala de visitas ou ao quarto na divisão dos espaços e dos papéis de cada brincante. Era a cozinha que recebia todas as flores e restos de toalhas bordadas, cacos de louça, pratos improvisados com pedras ou tampas de plásticos e fogão de verdade ou mentira apoiando uma panela de lata com pedrinhas à guisa de feijão ou barro se fazendo de chocolate. (MEIRELLES, 2014, p. 49).

Neste sentido, os educadores devem desafiar-se por si e pelas crianças às aventuras que as experiências em liberdade proporcionam, acreditando neste espaço que dá um sentido à vida humana potencial.

Antes de ser apresentada aos problemas ambientais, a criança precisa experimentar a natureza em sua plenitude e beleza, tornar-se íntima dela, vincular-se afetivamente. (BARROS, 2018, p. 48).

Embora nem todas as escolas usufruam de amplos espaços externos, ricos em áreas verdes, as vivências com a natureza precisam acontecer. Os espaços podem ser transformados e criados, que possibilitam de maneira sutil o cuidado e a preservação da natureza. O importante é que a criança possa viver essa relação com a natureza, e que através dela e com a mediação dos adultos, desenvolva autoconfiança, iniciativa, tomada de decisão, empatia, cuidado...

Do ponto de vista da criança, a natureza é o meio no qual ela poderá estar mais livre e conectada com sua essência. É galho que vira espada e folha que vira um barquinho, são troncos que se tornam pontes, ou o que a imaginação quiser,

quando a imaginação da criança encontra a natureza, ela se potencializa e se torna imaginação criadora. A natureza tem a força necessária para despertar um campo simbólico criador na criança

(PIORSKI, 2016. p. 09).

Realmente a criança precisa de muito mais banhos de mangueira, mergulhos na lama, escaladas em árvores, cabanas de galhos, contemplar a beleza das flores, ouvir o canto dos pássaros, observar o formato das nuvens e os diferentes tons das folhas a cada estação do ano. A criança precisa estar mais do lado de fora, vivendo e experimentando. E, na mesma proporção, o mundo precisa de mais adultos presentes, inteiros, que se submetem, que tenham um olhar sensível, que permitam que a criança descubra o mundo, e saibam valorizar as cenas simples do cotidiano.

Profe, me ajuda a subir na árvore?

Quando me deparo com o questionamento das crianças “- Profe, me ajuda a subir na árvore?”, fico surpresa e curiosa, pois este questionamento é realizado por crianças que moram na zona rural do município, onde a natureza é mais vasta e presente com tamanhos e proporções maiores no cotidiano das crianças. Começo a pensar opa o que temos aqui? Crianças que não estão tendo a oportunidade de viver na natureza? Será por causa de medos das famílias? Que caíam, quebrem braços, ou se machuquem, ou será que estão ficando muito tempo dentro de casa, com contato de celulares, televisão, expostos as tecnologias?

Também minha surpresa vem ao encontro da minha conexão afetiva e da forma como habitei a natureza quando criança. Havia prazer em ir para a colônia, como chamamos a zona rural aqui em no município de Ijuí, interior do estado do Rio Grande do Sul, para brincar e se aventurar com os primos e os tios, nas brincadeiras que a natureza era aliada. As árvores não eram somente para fornecer frutos, ou sombra, elas nos pertenciam, eram esconderijos ultra secretos, nelas contávamos segredos, armávamos planos, vivíamos intensamente a vida. Na natureza encontrávamos liberdade e privacidade, um lugar distante dos adultos, que permitia nossa imaginação criar e ousar. Nessa relação tão profunda construímos conceitos de pertencimento, memórias e imaginação, que nos permeiam até os dias atuais. Nos constituiu como seres humanos.

Quando ouço – “nunca subi em uma árvore, profe posso subir?”, em fragmentos de segundos sou tomada por memórias carregadas de sentimentos, cheiros, marcas dos momentos vividos com inteireza na infância. Fico pensando o quanto é urgente oportunizar e estimular este grupo de crianças, vivências que oportunizem o a apropriar-se da natureza

que é potente, que possibilita e permite experimentações e descobertas e está à disposição, sem a necessidade de grandes investimentos financeiros para que significativas aprendizagens aconteçam.

Então, busco auxiliar a criança a subir na árvore, ao mesmo tempo me questiono: “Como potencializar esta relação destas crianças com a natureza? Como tornar a natureza em um quintal de experimentos? Como construir elos afetivos entre as crianças e os espaços?” como me foi permitido quando criança.

As outras crianças se aproximam, curiosas, olham a colega que escala a árvore. Fica evidente nas expressões das crianças que havia vontade de aventurar-se também, mas o medo as impedia. Tentei motivar para que criassem coragem para subir na árvore, e ouço novamente de outra criança “profe nunca subi em árvores!”. Novamente sou tomada pela surpresa. Resolvi questionar “-Você nunca teve curiosidade de subir? - Você nunca teve vontade de saber como é olhar lá de cima?”. A justificativa que aparece neste momento por parte das crianças, é que a família não permite, pois é perigoso, pode cair, machucar-se, pode ter bicho perigoso.

As crianças que se desafiaram, tinham muito medo, tremiam, mãos suavam, estavam tensas, procurei encorajar, estar presente, incentivando, sendo suporte, oferecendo segurança. É necessário que a criança construa uma relação de amorosidade com a natureza e que a natureza inspire a criatividade da criança, mas para toda essa potência ter valor se faz necessário vivenciar, habitar a natureza do lado de fora do espaço de referência. É necessário que a natureza faça parte da vida diária da criança.

Não conformada e curiosa, por achar estranho que as crianças não sabiam ou nunca haviam subido em árvore entrei em contato com as famílias e para minha surpresa, a maioria das famílias relatam que tem medo de estimular as crianças a subir em árvores, alegando muitas desculpas como “ quando eu era criança subi em árvore, cai e quebrei o braço”, “ eu tenho medo que ele suba e depois não consiga descer”, “ sabe profe tenho medo que tenha cobra e taturana nas árvores, aí não deixo subir” e assim foram sucessivamente as desculpas. Fica evidente que a natureza foi tirada das crianças.

Partindo desse desafio de tentar conscientizar e evidenciar as aprendizagens significativa e para a vida que acontecem em brincadeiras começo a tentar evidenciar as vivências que neste ambiente aconteciam. Surgem muitos vídeos dos momentos proposto, dos momentos do brincar com liberdade, das brincadeiras com água, terra, árvores. Também partindo

do princípio da escuta sensível registro muitas Mini histórias com imagens que revelavam o prazer, a alegria, interação e as aprendizagens que estavam acontecendo.

A partir desse momento percebo que os pais começam a propor e reproduzir algumas vivências que aconteciam na escola, em casa, e surgem relatos de banho de sanga, banho de rio, colheita de frutas na árvore, balanço de corda nos quintais e brincadeiras em casa. Junto vinha relatos das famílias, das doces lembranças que os pais tinham de sua infância, a qual tiveram oportunidade de vivenciar quando crianças. Assim como em alguns momentos a emoção de alguns que relatavam que tiraram um tempo para brincar com os filhos. Junto com isso faço a reflexão da importância do educador também ter essa importância de ter aliada a natureza, como fonte inesgotável de aprendizagens, de estar atento para compreender como as crianças e as famílias estão relacionando-se com ela. Com certeza uma experiência que deixou marcas em todos os envolvidos sem falar na alegria e prazer deste tempo de convivência.

Por isso, oportunizar a vivência das crianças em ambientes com liberdade e ao:

Ar livre com liberdade para correr, subir em árvores, se movimentar, observar insectos, criar com os elementos da natureza, observar as mudanças das paisagens das plantas nas diferentes estações do ano. As crianças podem experimentar seus limites em balanços, aprender a caminhar em meio aos galhos de árvores e raízes sobressalentes na terra, descer barrancos, enfim ampliar suas experiências no encontro com a natureza lhes apresentar. (Horn, 2022, p. 38).

Dar possibilidade para a criança ter iniciativa em tomar decisões, considerar regras, valores, a perspectiva pessoal, bem como a perspectiva do outro e ser competente para atuar no mundo em que vive, permite que tenham autonomia, reconhecendo-se e conhecendo os outros. A educação infantil precisa ser entendida como fase de descobertas, aprendizagens, encantamentos e inaugurações. Precisa estar aberta ao inesperado e ao improvisado.

Então vamos habitar e explorar os espaços externos das escolas, aproveitar as sombras das árvores e torná-las nossas aliadas para significativas aprendizagens. Vamos nos apropriar e defender a interação e brincadeiras genuínas que acontecem do lado de fora da sala de aula.

Referências

- IJUÍ, Secretaria Municipal de Educação. Referencial Curricular Municipal: Educação Infantil- Tempo e espaço de Ser criança, Caderno nº24, 2020.
- PIORSKI, Gandhi. Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar. SP: Petrópolis, 2016
- BARROS, Maria Isabel Amado de (org). Desemparedamento da infância: A escola como lugar de encontro com a natureza. RJ: Criança e Natureza, 2018.
- GUERRA, Monica. As mais pequenas coisas. A exploração com experiência educativa. SP,2022.
- THOMÉ, Ana Carol. Em cantos da floresta. SP: Ser Criança é Natural,2018.
- ECKSCHMIDT, Sandra. Quem já brincou no barranco? Florianópolis: Casa Amarela, 2018.
- MEIRELLES, Renata. Cozinhando no quintal. SP. 2014.
- HORN, Maria da Graça Souza. Abrindo as portas da escola infantil: viver e aprender nos espaços externos. POA. 2022.
- KRENAK,Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo.SP.2020.
- LOUV, Richard. A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do déficit de natureza. SP. 2016.